

**AS ARTIMANHAS DO NARRAR
E AS INVENÇÕES POÉTICAS DA LINGUAGEM**

Norma Maria J. da Silva (FEUC)
normamj@gmail.com

A escrita de *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios* está apoiada sobre uma base consideravelmente instável. O complexo fluxo de memória que orienta a narrativa se alimenta tanto do passado quanto da necessidade incontrolável de redescobrir o sentido do presente. Partindo dessa ideia, compreendemos que as temáticas abordadas no romance só poderiam ser representadas ficcionalmente a partir de uma transgressão do código linguístico ditado pela norma culta, já que um dos seus objetivos principais consiste em questionar as estruturas de poder vigentes, seja por intermédio de um conteúdo “subversivo”, seja de uma escrita igualmente “subversiva”.

Nos discursos das personagens Kene Vua – ora Diamantinho, ora Kapapa –, Kinhoka Nzaji, Lopo Gravinho, Kimôngua Paka, entre outras, são ativadas memórias e recordações de um tempo impossível de ser inteiramente revivido. Concentraremos nossa reflexão na figura do “narrador-personagem”, uma vez que ele é capaz de reunir em si mesmo todas as outras personagens da história, fazendo com que Kapapa e o velho Kinhoka Nzaji, por exemplo, figurem como possíveis desdobramentos de sua própria consciência.

Uma de nossas propostas de leitura, neste momento, consiste em observar as transformações no fluxo de pensamento e no modo de agir desse narrador. Tais transformações são marcadas pela instabilidade e, nesse sentido, atuam em concordância com a perspectiva plural de seu discurso, um discurso que reúne os diversos pontos de vista das personagens – protagonistas ou “secundárias” – que povoam a diegese.

É necessário ressaltar que Kene Vua representa a própria cisão do narrador, uma vez que este se mescla e se confunde com aquilo que deseja, com aquilo que gostaria de ser e com o que é preciso contar, para exorcizar uma série de dúvidas, questionamentos e recordações que serão intensamente explorados no nível da linguagem. Assim, pode-se dizer que a maneira hermética pela qual o texto se apresenta espelha o caráter ambíguo do narrador, em constante mutação: “Amanhã, na madrugada de ir enforcar o Batuloza, tenho de recomeçar meu ximbicanço. O *Ndala-*

gango naufragou na memória; rio acima de minha estória (...)” (VIEIRA, 2006, p. 126)

É importante perceber que Kene Vua, Kapapa e o velho Kinhoka Nzaji são construções figuradas de vários grupos formadores do povo angolano que atuaram, cada um à sua maneira, contra a colonização. Nessa perspectiva, observando atentamente o destino de cada uma das personagens, o que o narrador parece querer mostrar é a utilização da “(...) fala como instrumento ou expressão do pensamento.” (BARTHES, 1977, p. 45)

No que concerne ao aspecto temático, os rios podem ser interpretados, num sentido geral, como sendo aportes recorrentes e contínuos que metaforizam a identidade angolana e que possibilitam, num sentido particular, dado a sua fluidez própria, inferir musicalidade, ritmo e poesia ao texto. Representam, assim, o fluir do tempo, da História, da memória, da própria linguagem. A partir dessa imagem dos rios, um elemento se revela essencial na obra de Luandino: nomeadamente a configuração do tempo, caracterizado também pelo constante “ir e vir” das lembranças de Kene Vua, ora como o menino Kapapa, ora como o guerrilheiro.

De fato, a ordem cronológica dos dias e das noites, dos meses, das estações do ano opõe-se a outra ideia de tempo, àquele que permite a configuração de um universo interior, em que se destaca o poder da memória individual e coletiva. Tal tempo estabelece uma tensão que provoca uma interpenetração entre o antes e o depois, ou seja, o passado, em constante diálogo com o presente e o futuro.

O livro dos rios revela-se um texto narrativo híbrido, que se recusa a restringir o seu discurso às regras estáticas da prosa mais canônica. Afinal, em suas linhas narrativas, encontramos processos de semiotização, como ritmo, rima, figuras fônicas, sentidos metafóricos e simbólicos, poesia e musicalidade. São esses aspectos, entre outros, que também contribuem para que a construção romanesca *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios* se torne uma experiência única, fazendo de Luandino não somente um escritor de poesia-narrativa, mas um narrador-poeta.

Ao longo da leitura dos descaminhos de Kene Vua, podemos observar que sua “fala” penetra na aventura da língua, das palavras e das imagens, transporta o leitor para o mundo do maravilhoso literário e do sonho poético. Por meio da combinação dos caracteres da lírica e da narrativa, as personagens conseguem incorporar um ritmo, uma harmonia e

uma musicalidade únicas. O narrador traça o perfil das demais personagens que integram seu discurso e sua personalidade, visando a colocar, no universo da ficção, tipos representativos das gentes dos *musseques*: o pai de Diamantino; o patrão português, capitão do mar; e Batuloza.

A descrição do comportamento de algumas dessas personagens faz, inclusive, com que o narrador assumira outros lugares da narração e posturas distintas, compartilhando, conscientemente, outras posições políticas, ideológicas e culturais. A propósito, durante o desenrolar diegético, o narrador irá apresentar-se como uma espécie de ser onipresente e onipotente, capaz de condensar em si mesmo o pensamento de diversos representantes da população.

Recitarei um mussendo: Kisongo kia'xi gerou a Mukambi a Kisongo, Kisonde kia Kisongo, Kalemba ka Kisongo – os que subiram as falésias; Kisonde kia Kisongo foi parar no Mbumba Iobe e gerou a Kisongo kia Mbumba e Kisongo kia Kibaia e Kisongo kia Lembe e Kisongo Kianvula – quilombearam no Alto do Kisonde; Kisongo kia Mbumba nasceu a Mbumba ia Kibaia e Mbumba Iobe – e foi Mbumba ia Kibaia que tabucou no Kabidikisu, selou a sangue o vau, subiu para Mbila Ngolo – por séculos, ali esperou os portugueses. (VIEIRA, 2006, p. 82)

Por entre suas lembranças, confundem-se as vozes do pai angolano e do patrão português:

Eu tinha só nove anos, mas já sabia que não deve de se cuspir contra o vento – calava. Meu pai, vinha; o capitão era muito meticulento, tudo ele desfazia com devagar. “*Malembe-lembe...*” – ensinuava meu pai ao sentir o discurso. E Lopo Gavinho, preciosista, areava as balas, cinza e limão. Todas. Sentado num fardo de roupa usada, frente a frente com seu piloto negro de mãos atadas na roda do leme, areava meticulosamente as seis cegas balas do seu revólver. E ensinava: “*É preciso muito respeito pela vida que se quer tirar...*” Meu pai tossia de mentira, me olhava. E ele, o patrão do barco, passava sua mão calejada na minha carapinha e emendava: “*Não é lembelembe, que se diz. Vê lá se aprendes português!... É: com mil delongas, palavras de bentopetrunhas...*” (*Idem*, p. 32).

A voz narradora assume uma posição que considera os conflitos, as contradições e a multiplicidade inerentes à sociedade angolana. Tal posição fica explicitada, por exemplo, quando o narrador se questiona sobre a conflituosa relação com o ex-camarada Batuloza.

(...) este Batuloza, sabotador como ele teimava de se chamar, era mesmo muito sapador, honesto e competente. Tinha faro para trilho antes de ser escolhido ou patrulhado, adivinhava a picada, o aquele caminho, rota de unimogue e itinerário da tropa só pelo riso das patrulhas, modo de fumar – com ele, nossa secção embosqueava muito bem, recuperávamos material. E, agora, ia morrer. (*Idem*, 47)

O Batuloza, cabrito amarrado no pau do muanze, ia de choraminjar – da-rei encontro com seu terror, um medo muito de lento, se escorregando entre ranho e lágrimas. Estaria cego, surdo e mudo; se deixando esvaziar no chão de folhas secas nunca não ia nem pensar em vborá surucucu, ou se vinha a suje ou a bela cõngolo, cobras nossas, ou a quissonhada de formigas; se raio da trovoada da chuva da noite rachava nos ramos das árvores do café e lhe torrava – não. Lá, em seu terror, só estaria ouvir a puíta do tempo dentro do próprio coração (...) (*Idem*, p. 60).

Entre as experiências de Kene Vua e as memórias de Kapapa, percebemos uma emergência de dúvidas, conflitos e questionamentos, pois, a partir da interação entre ambos, são revelados momentos de orgulho e desonra. Nesse ir e vir das consciências dessas personagens centrais, a ficção de Luandino reinventa a linguagem, povoando os espaços vazios de significados outros. Repovo a língua literária, descarnando-a dos lugares comuns e alcançando, assim, uma significação profunda e transmutada.

só que eu fituquei: certo, correcto, dacordo, narmal: Kalunga eu até seria se; cadavez, um dia outro, outra vida; mas meu mar ainda estava morar é dentro de mim, marulho secreto; mesmo que em verde mata soffro de maré-vazia de saudade, ainda tenho meus ocos, buracos e pedras (...) (*Idem*, p. 123 e 124)

Para Kene Vua, torna-se fundamental a busca contínua de sua identidade descaracterizada no decorrer de tantos anos; identidade que não poderia ser reconstituída somente a partir do olhar voltado para si mesmo, mas deveria concentrar-se sobre outros olhares. O discurso de Luandino consegue, de maneira ímpar, por meio da articulação de uma perspectiva plural, que singulariza o romance *O livro dos rios*, questionar consciências e atitudes, especialmente, por meio de seu protagonista.

Em *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios*, são privilegiadas “falas” contraditórias de personagens que interagem, de maneira tensa, refletindo sobre hibridismos e práticas preconceituosas presentes na sociedade angolana dos tempos coloniais. Fica clara, nas “estórias” enunciadas pelo guerrilheiro e pelas demais vozes que circulam em sua memória, a problematização da questão da assimilação do código linguístico do colonizador e, conseqüentemente, o afastamento das línguas nacionais. Ao longo da leitura da referida obra, não restam dúvidas de que o fato de a língua do colonizador ser quimbundizada contribui para uma afirmação identitária angolana, quer a partir da interferência e da recriação da oralidade na escrita, quer através da criação de novas palavras. Tal procedimento permite a desarticulação do sistema linguístico português, adequando-o a situações de fala angolana: “Capitão Lopo se defu-

mava todo ele, sirenava o vapor do apito, as garças-jindeles, penas immaculadas no fundo imaculado das nuvens de algodão, maravilhava a tarde em seu assustado voo.” (*Idem*, p. 61)

No projeto de estruturação do texto de Luandino, está incluído, também, o uso de diferentes recursos da linguagem, entre os quais as repetições constantes que marcam, na oralidade, a necessidade de memorização: “Três coisas maravilham na minha vida, a quarta não lhe conheço...” (*Idem*, p.23).

Na sequência narrativa, é bastante recorrente o uso de polissíndetos, ou seja, a incidência de conectivos na coordenação de elementos. Esse recurso costuma acelerar o ritmo narrativo: “(...) colegas de mafulos e conquistadores e escravos e libertos e forros e alforriados e indígenas e contratados e assalariados e assimilados e ruscados e proletarizados e alçados e alevantados – rodeando todo o verde do mundo” (*Idem*, p. 66). A reiteração do conectivo aditivo *e* remete-nos à ideia, bastante difundida no texto, de soma e aproximação entre os diversos registros socioculturais que povoaram e povoam o território angolano.

É comum o uso de construções onomatopaicas, criações que visam a imitar os sons da realidade: “(...) Toc-toc, toc-toc, toque toque de manco, muleta de mutilado em pedra de sepultura na porta da igreja [...]” (*Idem*, p. 70). O emprego da sinestesia, espécie de formulação imagística baseada na união de impressões sensoriais diferentes, também se revela um importante recurso relacionado à estética narrativa d’*O livro dos rios*: “Apalpei com meus olhos, de novo, aquele silêncio” (*Idem*, p. 30).

Ao fazer uso da personificação dos fenômenos naturais, a enunciação romanesca aciona a própria natureza para participar da desenvoltura diegética. Neste contexto, os elementos naturais assumem capacidades que não lhes são próprias, pois reagem aos acontecimentos como se pudessem sentir emoções.

Porque aquela ilha das mulembeiras, naquele antes da tarde, estava populada, o sol falava muitas sombras. (*Idem*, p. 26);

(...) a mata do Kialelu saiu da neblina do nascer do sol e se iluminou, como se me nascesse deus, ali – tranquila; irmã desde sempre que nossos pés a cruzavam; ainda nos séculos do antigamente, explorada, violada e violentada (...) sempre renascida de fogo e inferno, aliada de escravo fujão e liberto rebelde, calado contratado, ela é que era nossa senhora dona heroína: cacimbo e chuva e madrugada, noite e dia, desde o princípio do mundo, nosso sagrado espaço. (*Idem*, p. 54);

(...) meu Kwanza m'ensinou. Estou na barriga dele, os fuzileiros me procuram – esta terra nossa morre-se em água. (*Idem*, p. 66)

Segundo Amadou Hampâté-Bâ, a palavra africana representa a exteriorização das forças e é por isso que tudo “fala” no universo. Visto isso, percebemos que o discurso de Luandino Vieira tem a preocupação de não “engessar” a palavra; ao contrário, procura mantê-la móvel, dinâmica, senhora de si mesma. Essa palavra, que transforma e concretiza, tem uma carga semântica muito complexa e cheia de possibilidades, o que proporciona que a prosa de Luandino se torne um texto altamente metafórico e – por que não dizer? – poético.

Não podemos, também, perder de vista, dentro da articulação de *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios*, a emergência e recorrência de diversos provérbios. De acordo com seu sentido dicionarizado, tais formulações consistem em sentenças de caráter prático e popular, expressas em forma sucinta e, geralmente, ricas em imagens que passam lições do senso comum; os provérbios são máximas; ditos; refrãos; ditados; prolóquios; adágios. Na narrativa luandina, há uma grande quantidade de provérbios, mas esses rompem os sentidos convencionais e se revestem de significados poéticos e existenciais, como se pode detectar na seguinte citação:

Três coisas maravilham na minha vida, a quarta não lhe conheço: voo da jamanta-negra no ar de chuva; rasto da jiboia no sussurro da pedra; sombra das águas em fundo do mar – caminho do homem na morte... (VIEIRA, 2006, p. 23)

Rivandu ria ngiji, nguzu ia jimbandu ... A rebeldia do rio, [é] a força das margens ... (*Idem*, p. 16)

Esse exemplo ilustra não apenas a sabedoria do povo quimbundo, mas a poesia de uma linguagem que opta pelas rupturas e margens. Para Walter Benjamin, cujo pensamento filosófico opera com fragmentos e rupturas, “os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça o muro.” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Já para Honorat Aguessy,

(...) os provérbios não são obras secundárias e, além disso, revelam-se como sendo belos “resumos” de longas e amadurecidas reflexões, resultado de experiências mil vezes confirmadas. O caráter anônimo dos provérbios traduz a sua profunda inserção no âmago da experiência e da vida coletiva, depois de longas rodagens e experiências. (AGUESSY, 1977, p. 118)

No romance analisado, os provérbios são reflexões, mas não reafirmam o senso comum; ao contrário, subvertem esses sentidos, criando outros poéticos e transgressores.

Retomando a metáfora central do romance, o rio, observamos que a narrativa evoca o fluir das águas, elementos dialogantes do discurso de Luandino. A temática fluvial representa a própria metáfora do ato de narrar.

Outro elemento que consideramos fundamental na construção dos sentidos em *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios* é a memória. Configurando-se como um dos pontos centrais da narrativa, e dialogando com um processo que faz do ato de escrever uma “escrita em voz alta”, as intervenções da memória aparecem, na obra, de maneira recorrente, seja através da recordação espontânea de situações de outro tempo, seja por meio de lembranças, ativadas a partir da percepção de algum lugar ou objeto. Logo, as recordações de certos acontecimentos podem ser alimentadas por intermédio de cheiros, sabores ou pontos que emergem do passado.

É por meio da imaginação criadora que desejos antigos podem vir a ser ficcionalmente realizados, por meio de registros de acontecimentos do outrora plasmados e recriados pela escrita literária, que conclama a atenção do leitor no sentido de repensar, criticamente, o passado. Sob os meandros da imaginação, o confronto das lembranças do vivido é minimizado e o choque produzido por esse encontro é suavizado.

Gostaríamos de ressaltar, ainda, a criatividade linguística do autor como fruto não só de sua consciência revolucionária, mas também de sua preocupação em formar leitores críticos e capazes de ler e compreender as artimanhas do texto literário. Sobre este assunto, observemos a declaração de Luandino, quando entrevistado por Michel Laban, a respeito da dificuldade de leitura de muitos de seus livros:

(...) realmente cabe aos próprios escritores, e que é um dever dos próprios escritores, fazer evoluir os leitores para formas mais adiantadas de estrutura narrativa, de literatura, porque nós, hoje, falamos com grande admiração da literatura latino-americana moderna, que se tornou popular em todo o mundo, e não é uma literatura fácil em termos de estrutura. É mesmo bastante difícil. Ora, penso que tem que ser assim. O que é necessário é que realmente o escritor não minta. Se eu tivesse visto que não havia uma profunda identidade entre a estrutura da narrativa e sua matéria, então eu devia realmente corrigir no sentido de as adequar (VIEIRA, *Apud* LABAN, 1977, p. 33).

Luandino Vieira mostra-se bastante consciente de seu papel como escritor, preocupado não só em denunciar aos leitores as injustiças do regime colonial e valorizar a cultura local, mas ainda em teorizar sobre o papel do escritor e da literatura. O autor expõe, de modo geral, que a forma e o conteúdo são importantes em seus textos, instigando seus leitores a um posicionamento crítico em relação à sua própria ficção. *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios* representa um salto em relação não apenas à literatura produzida por Luandino e à literatura angolana, mas às literaturas de língua portuguesa e às demais literaturas, em geral, pois é uma obra que rompe com o canônico e se revela repleta de (re) significações, seja no nível linguístico, político, social, cultural, histórico ou estético.

Consciente das contradições existentes, no contexto histórico angolano, tanto no passado das lutas, como no presente em que escreve, Luandino Vieira empenhou-se para que sua escrita conseguisse questionar as estruturas de poder, sem que se transformasse num discurso transparente, voltado apenas para denúncias políticas e sociais. Angola e a gente simples dos *musseques* luandenses sempre serão o tema preferido da ficção desse grande escritor.

Sendo assim, percebemos que a leitura de *De rios velhos e guerrilheiros – O livro dos rios* contribui, significativamente, para levantar alguns dos muitos véus que encobrem obscuros momentos e episódios de intensa repressão colonial em Angola, às vésperas da independência.

Concluimos que José Luandino Vieira constrói uma literatura absolutamente questionadora, que não hesita em beber nas águas dos valores tradicionais, discutindo o passado, sempre à luz do presente e com vistas à instauração de um futuro sedimentado em ideais de justiça e igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. (Trad.) Sergio Paulo Ruanet. 7. ed. v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: AGUIAR, Flávio et al. (Orgs.). *Gêneros de fronteira: cruzamento entre o historiográfico e o literário*. São Paulo: Xamã, 1997, p. 107-125.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Rio de Janeiro: Ática, 1987.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Palavra africana. *O Correio da UNESCO*. Rio de Janeiro. Ano 21, nº 11, nov. de 1993.

KABWAZA, Nsang O'Khan. O eterno retorno. *O Correio da UNESCO*. Rio de Janeiro. Ano 10, n. 12, dezembro de 1982.

LABAN, Michel et al. *José Luandino Vieira e a sua obra: estudos, testemunhos, entrevistas*. Lisboa: Edições 70, 1980.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MEMMI, Alberto. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. O papel público de escritores e intelectuais. In: MORAES, Denis de. *Combates e utopias*. Os intelectuais num mundo em crise. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. *De rios velhos e guerrilheiros, na obra de José Luandino Vieira*. São Paulo, 2007. [Inédito]

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. *As magias das letras africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros diálogos*. Rio de Janeiro: ABE/Barroso Produções Editoriais,

2003.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa (Orgs.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

SOW, Alpha I.; BALOGUN, Ola; AGUESSY, Honorat; DIAGNE, Pa-thé. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

TAVARES, Ana Paula. Texto de apresentação do romance *O Livro dos Rios em Lisboa*. Lisboa: Caminho, 2006.

VIEIRA, José Luandino. *De rios velhos e guerrilheiros: O livro dos rios*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

_____. O texto de Luandino Vieira. In: LABAN, Michel (Org.) *Luandino: José Luandino Vieira: estudos, testemunhos e entrevistas*. São Paulo: Edições 70, 1980.